

# A Visão Social: Hilda Hilst e a velhice da Obscena Senhora D

Francisco Norberto Moreira da Silva<sup>1</sup>  
Vicente de Paula Faleiros<sup>2</sup>

---

**Resumo:** O estudo foi desenvolvido numa dinâmica qualitativa e favorecido por um viés bibliográfico, que se propôs a investigar e a refletir sobre a questão da sexualidade do ser idoso, por meio do corpo, tempo e envelhecimento, a partir de fragmentos da obra: *A Obscena Senhora D* da eminente escritora Hilda Hilst. A leitura hilstiana permite verificar o discurso da escritora, que apresenta um olhar crítico sobre a velhice em que a sexualidade do idoso é o ponto chave para falar das questões ligadas ao corpo feminino, para mostra uma visão estigmatizada e preconceituosa que a sociedade possui em relação à pessoa senescente.

**Palavras chave:** Sexualidade; Corpo; Tempo; Envelhecimento; Literatura.

---

## Introdução

O presente artigo tem como objeto a questão do discurso e a percepção da velhice no romance *A Obscena Senhora D*, de Hilda Hilst. Objetivo: análise da representação do idoso no discurso de Hilst por meio do corpo, tempo e envelhecimento.

O sentido de um texto passa por um processo assimétrico em que um enunciado possui uma significação estável que é aquela que lhe foi conferida pelo locutor e esse sentido deve ser entendido pelo receptor que entende e decifra o código. Porém a assimetria na comunicação linguística é sempre constante e, para entendê-la, faz-se necessário que o receptor avalie com frequência se o que está sendo enunciado deve ser levado ou não ao “pé da letra”, se é irônico ou se é brincadeira. Entende-se por análise do discurso uma fonte para compreender a comunicação e a linguagem na produção de textos sociais, religiosos, literários e políticos, entre outros (MAIGUENEAU, 2008).

A representação social rege as nossas relações com a realidade vivenciada que inclui um sentido de pertencimento a um determinado lugar ou grupo de atores sociais que implica em relações afetivas e normativas, e “interiorizações de experiências, práticas, modelos de conduta e pensamentos socialmente inculcados e transmitidos pela comunicação social, que a ela estão ligadas” (JODELET, 2001, p.22).

---

<sup>1</sup> [lattes.cnpq.br/0263284701285165](http://lattes.cnpq.br/0263284701285165)

<sup>2</sup> [lattes.cnpq.br/8545024005267095](http://lattes.cnpq.br/8545024005267095)

Articular o discurso na representação social ou a representação social do discurso na velhice é o que pretende se mostrar na expressão de Hilda Hilst, que imprime o seu relato sobre o corpo que envelhece, pois essa busca não se liga apenas a conhecer o corpo natural que interessa à pesquisa biológica, mas também àquilo que representado pela linguagem e que manifesta desejo ou pulsões, o corpo simbólico.

Nesse sentido o texto de Hilda Hilst é a expressão de uma representação do corpo envelhecido, da sexualidade, do tempo relacionado ao senescente na sociedade. Ao pensar nesse discurso se faz necessária uma breve reflexão sobre as três dimensões que articulam tal discussão: corpo, tempo e envelhecimento.

O corpo sempre foi identificado como instrumento mediador e organizado entre a subjetividade do sujeito e o mundo com o qual esse sujeito se relaciona que pode servir para aprisioná-lo ou libertá-lo quando é possível acompanhar seus desejos. Schopenhauer (apud GOLDFARB, 1998, p. 38) afirma que o Eu do sujeito é aquele elo temporal entre estas duas manifestações: o sujeito do querer e o sujeito do conhecer.

Aponta esse dualismo quando refere que, no primeiro caso (sujeito do querer), existe algo entre instinto e pulsão e, no segundo caso (sujeito do conhecer), algo entre pulsão e intelecto, sendo que, tanto no primeiro caso como no segundo, estão ligados à vontade do sujeito manifestada no corpo.

O pensamento de Schopenhauer abre o debate e a seguinte reflexão: é possível ou não conhecer a vontade e o desejo do ser que envelhece? Ou apenas se sabe aquilo que é manifestado pelo sujeito por meio da representação de seu mundo?

O tempo é visto como a dinâmica da relação social para homens e mulheres que envelheceram sofre uma pressão dos anos que se passaram, do belo ao feio (juventude-velhice). Surgem comparações com estilo de vida e de experiência que caracteriza cada sujeito e indica como cada ser utilizou o tempo vivido de maneira diferente.

A cronologia do tempo se liga com a idade de cada indivíduo que se relaciona com um tempo que avança em direção à morte. A idéia de finitude refere-se há um tempo biológico e humano. Nesse entrecruzamento de tempos, encontra-se o sujeito que percebe seu envelhecimento, deixa de contar os anos vividos e passa a fazer planos para os anos que ainda lhe resta viver. Côrte (2006) mostra que a procura do sentido do tempo e de como gerir o tempo de uma vida mais longa marcada pela multiplicidade sincrônica dos papéis e dos estatutos está subjacente aos novos comportamentos em face do envelhecer e do envelhecimento.

Já a velhice mostra uma individualização, pois leva em conta a idade, gênero, atributos físicos, que perdem força em nome de uma clivagem social. A percepção social do velho passa por uma estigmatização da menos valia que funciona como um fator de redução de potencialidades no processo de envelhecer. É preciso entender qual a distância entre o percurso de inserção sócio-cultural e o projeto de vida da mulher. Pois a construção do papel feminino, na condição de sujeito de um projeto, deve persistir até o envelhecimento. Fica claro que toda essa construção deve ser organizada durante o ciclo de vida.

Há que pensar que o envelhecimento social deve passar por uma reestruturação individual e coletiva em que os sistemas de papéis e laços sociais adquiram novas significações. Isso se faz necessário porque a modernidade trouxe dificuldades de adaptação da velha, que viveu em um contexto de grandes mudanças entre obrigações familiares e trabalho profissional. Bassit (apud PY, 2004, p.143) apresenta as diferentes maneiras de envelhecer e leva em consideração costumes e contexto social nos quais as mulheres viveram e em que é possível reconhecer os valores e comportamentos que nortearam o desenrolar de suas vidas. A maturidade é constituída a partir de valores de família, com ideal de casamento e a constituição das próprias famílias consagradas por meio do nascimento de seus filhos.

A obra de Hilda Hilst (2005) faz lembrar Ecléa Bosi (1987) com suas perguntas sobre o papel social do velho em seu livro 'Memória e Sociedade' (lembança de velhos), mostra os seguintes questionamentos "A função social do velho é lembrar e aconselhar"; "Que é ser velho?... é lutar para continuar sendo homem". "Que é, pois ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice..." (BOSI, 1987)

A investigação do discurso em Hilda Hilst demonstra que a autora aborda questões existenciais que sempre constituíram o foco do seu legado literário, quais sejam: Corpo, a morte, a velhice a arte literária e as relações humanas.

Os livros da dramaturga Hilda Hilst foram concebidos, para demonstrar o sentimento de clausura vivido no período de repressão política do final da década de 60 (período em que foram concebidas as peças teatrais). Suas obras literárias parecem refletir certo sentimento de negação e aprisionamento, que refletem a angústia vivenciada durante a ditadura militar.

Sua escrita revela aspectos sociais do povo brasileiro, principalmente relacionado ao corpo feminino que envelhece, e que tem como pano de fundo o tempo ligado a uma finitude.

A intenção não é apenas refletir enquanto linguagem de denúncia possui uma visão feminina ligada à clausura da época da repressão militar, mais as escolhas vocabulares, na sintaxe e na fonética estarão também marcadas por toda uma vivência social e, conseqüentemente, uma visão de mundo, que influenciam a forma de expressão dos sujeitos.

A voz do personagem pode representar a voz de Hilst para evoca os vários discursos possíveis: científico ou literário, vulgar ou austero, douto ou popular. A imagem da linguagem a parece como fetiche, pois a ele é agregada a pornografia, o erótico, o caótico, o poético, por meio de uma verborragia etimológica e metafísica.

A autora pretende levar o leitor a uma perspectiva que conduza a uma reflexão sobre a obra 'A Obscena Senhora D' (Derrelição – abandono - desamparo). Para isso, a autora desenvolve elementos que demonstrem como a sociedade encara o retrato de uma personagem velha, Hillé (A senhora D), que se arrasta pela gruta do envelhecer com uma visão erótica de seu corpo.

Os diálogos de Hillé funcionam como uma chave para entender o processo de envelhecer: o corpo e a carne como resposta ao eterno conflito do homem com a certeza da existência.

A aquisição dos dados necessários à realização da presente pesquisa foram utilizados subsídios adquiridos junto à obra 'A obscena senhora D', sendo esta referência entendida enquanto fonte primária. As fontes secundárias utilizadas no presente estudo se constituíram primordialmente de artigos de periódicos científicos, captados por meio de busca bibliográfica informatizada realizada em base de dados eletrônicos, além de manuais especializados e outras publicações.

## 1. A Visão Social da Obscena Senhora D em Hilda Hilst

O erótico em A obscena Senhora D de Hilda Hilst busca dialogar com uma tradição literária que usa temas sexuais para atrair a atenção para: a hipocrisia, a tirania, a estupidez, a mediocridade ao falar do velho. A ampliação da idéia de imoralidade mostra a sociedade que o desejo do velho não se acaba com a idade ele permanece. A transgressão do texto quer falar de sexo, por meio de uma animalidade em que faz aparecer o homem interior.

Se sou zebu também caminho aos bandos, sou triste de olhar, quero dizer que não terás muita luz no olho se me olhares, a cabeça procura sempre o chão, o beijo que o verde sempre, se levanto a cabeça olho como quem não vê, procuro como quem não procura (HILST, 2005, p.27).

O trabalho Hilda Hilst com a língua é tão lúdico, quanto árduo, tão capaz de baixezas quanto de elevações. Isso mostra que a arte literária se dá por meio de desempenho com as palavras, sejam eruditas ou vulgares; as palavras nos permitem a reflexão sobre o saber, um saber que não nos chega unicamente através do pensamento erudito, mas também através da interpretação de nosso prazer e de nossa dor.

O barroco com característica presente na obra de Hilst se mostra enquanto linguagem, com um certo dualismo da união de contrários profano/sagrado expressa a angústia do homem. Para Jordão e Oliveira (1999), a arte barroca procura conciliar a concepção teocêntrica medieval com o antropocentrismo e o racionalismo proposto no Renascimento. O termo "barroco", inspirado em uma pérola impura, de formato irregular, designava tudo o que fosse extravagante, excêntrico e raro; durante um tempo, sinônimo de mau gosto.

A linguagem barroca contrasta fortemente com o equilíbrio, a clareza e a linearidade a linguagem clássica. O rebuscamento barroco é uma tentativa de expressar a angústia e a incerteza diante da vida. A desarmonia e o desequilíbrio resultam num estilo exagerado, repleto de figuras de linguagem. Os temas comuns que aparecem na literatura de Hilda Hilst ligados às características do barroco são:

a) Transitoriedade da vida – só há uma certeza: a vida material é transitória, finita.

Esse fato, somado ao mistério do além-morte, é uma fonte de angústia. “Um menino louco, vamos dormir vem, sim vamos dormir, como é o Tempo, Ehad, no buraco onde te encontras morto.” (HILST, 2001, p.39).

b) *Carpe diem* – que significa “colher o dia” – traduz a idéia de viver intensamente o momento presente, pois a vida é fugaz e o futuro, incerto.

“Suas obsessões metafísicas não nos interessam, Senhora D, vamos falar do homem aqui agora [...]” (HILST, 2001, p.26).

c) Preocupação com a morte – o mistério da morte é crucial, pois HILDA HILST debate-se entre a culpa de ser pecadora e a esperança de salvação. “só gente velha é que morre. Você vai ficar velho também. Eu não.” (HILST, 2001, p.43).

d) *Locus Horrendus* – o mundo sensível é concebido como um lugar horrível, fonte de dor e desilusão.

Abro a janela enquanto ele se afasta, invento rouquidão, grunhidos coxos, uso a máscara de focinhez e espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados pregos), respingo um molho de palavrões, torpes, eruditos, pesados, lívidos, grossos como mourões pra segurar touros nervosos, seco como o sexo das velhas, molhados como o das jovens cadelas, fulguerosos encachoeirados num luxo de drapejamento, esgoelo, e toda vizinhança se afasta da janela. (HILST, 2001, p.32).

A dedicação de Hilst a literatura passa por um abdicar da vida social, para buscar conhecimento, compreensão sobre a vida e morte. O desejo de eternizar-se e de ser reconhecida como escritora fez com que ela se isolasse da vida boemia após a leitura de *EL Greco*. Outro desejo mostrado na obra *A Obscena Senhora D* é de entender o sentido da existência humana, o processo de envelhecer e como o corpo e o tempo se relacionam com os dois primeiros. Por isso enquanto linguagem é possível verificar que a autora utiliza-se de:

a) Metáforas e comparações – para expressar a percepção subjetiva da realidade difusa: “A Senhora D é Búfalo, Zebu e Girafa”. (HILST, 2001, p.27).

b) Antíteses e paradoxos – oposição de idéias que gera um contra-senso, um absurdo: “É uma sapa velha. Viu a pele pintada? “É sarda. Ainda tem boas tetas”. (HILST, 2001, p.40).

c) Frases interrogativas - o escritor busca expressar claramente as incertezas que vivencia; questiona, constata. Temente, a efemeridade do mundo material e as dúvidas quanto ao mundo espiritual.



Venho Senhora D, a pedido da vila, a confissão, a comunhão, não quer? Meu nome é de onde vem o Mal, senhor? Misterium iniquitatis, Senhora D, há milênios lutamos com a resposta, coexistem bons e maus, o corpo do Mal é separado do divino. Quem criou o corpo do Mal? (HILST, 2001, p.31).

d) Cultismo ou Gongorismo – consiste na valorização da forma por meio de jogo de palavras, trocadilhos, abuso de comparações. Adjetivação de apelo sensorial, centrado, sobretudo, no cromatismo (uso de cores). “É a boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre tua camada de emoções, escarlate sobre tua vida, paixão é esse aberto do teu peito e também teu deserto”. (HILST, 2001, p. 29)

e) Conceptismo ou quevedismo – valorização do conteúdo por meio do jogo de idéias, de conceitos, do raciocínio lógico e da argumentação com base antiética ou paradoxal.

Ehud morto possuído de Deus é um todo de carne repulsiva, um esgarçoso de brilho e imundície, Ehud tuas unhas limpíssimas escovadas a cada dia, tua lisa mucosa, o ventre que cuidavas, as omoplatas retas, os pés de Ehud, longos, sóbrios, as curvas das arcadas, os pequenos espaços do teu corpo de carne são do Todopoderoso agora propriedades, como estão, Ehud, teus pequenos espaços de carne. (HILST, 2001, p. 37).

Segundo Filho (2002, p. 31) “As transformações metafóricas mostram o equilíbrio precário das formas animais, que é representada na figura social da velha obscena senhora D.” O discurso de Hilst (2005) mostra roupas e comportamentos grotesco-burlescos como elementos da farsa. Em texto teatral-arabesco de movimentos ornamentais, que vai pintando o quadro de velha senhora.

Hillé é o contraponto em que Hilda Hilst (2005) faz a união de contrários, ao descrevê-la quando jovem como bela e bonita e depois enquanto velha louca e decrépita que está em busca de sentido para a sua existência. No primeiro enfoque surge a jovem Hillé: “nem muito alta nem muito magra, é loira, tem sardas, tem um lindo busto” (HILST, 2005, p. 26). No segundo momento temos a visão da velha senhora: “Senhora D (Derrelição – abandono - desamparo)– eu Nada – Eu ninguém a procura de luz-Senhora P (porca) Vi-me afastada do centro de alguma coisa que não sei dar o nome em busca de compreensão vida e morte (metafísico)” (HILST, 2005, p.27).

A dicotomia em Hilst (2005) revela o corpo como ponto de mutação que incide na reflexão sobre o processo da vida, quanto mais o tempo passa e envelhecemos mais perto parece se está da morte. A perda de significação da existência está ligada ao tempo; enquanto velho que sentido tem minha existência?

A expressão do tempo na velhice remete a uma posição de segmento anterior na evolução contínua do ser humano, pois essa percepção encontra-se

expressa no símbolo social temporal e comunicável, que é pontual em cada fase da vida do indivíduo, infância, idade adulta e velhice.

O tempo em Hilda Hilst é algo que está à procura de ser entendido, presente no seu processo de questionamento da personagem Senhora D com o mundo: [...] queria te falar, te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nadas do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo. (HILST, 2001, p.18).

Tempo e corpo são ressignificados na velhice, por meio do contorno social. O erótico vivido ganha expressividade estética. Assim a inspiração de Hilst (2005) pretende tratar de uma narrativa em que a crítica social se faz presente, pois a morada em que Hillé se refugiou é apresentada como castelo ou gruta para se proteger da vila.

O mundo da velha senhora é uma arquitetura em ruínas. “... Diante da vila, das casas quase coladas, entre gentes sou como uma grande porca acinzentada” (HILST, 2005, p. 29).

O discurso Hilst escamoteia, o erótico e o pornográfico, presentes na sociedade, pois quer se impor contra o falso moralismo patriarcal em que o homem pode ter desejo e a mulher cabe ser desejada.

Segundo Azevedo Filho (2002, p. 27) “A pornografia tem leis exatamente claras. O erotismo, de algum modo, tendo outro tom, parece estar junto e vice-versa. Ambos adentram, enquanto material, o campo da sexualidade, das interdições sociais e se expressam pela transgressão.” A sexualidade do idoso é vista por Hilst como tabu, como prisão de alguém que foi engessado pela sociedade e que não pode mais sentir desejo ou prazer.

[...] não venha, EHUD, posso fazer o café, o roupão branco está aqui, os peitos não caíram, é assustador até, mas não venha, EHUD, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é o corpo mãos boca sexo, não sei nada de você EHUD a não ser isso de estar sentado no vão da escada, isso de me dizer palavras, nunca soube nada, é isso nunca soube você [SIC] deitava comigo, mesmo não sabendo (HILST, 2005, p.23).

O discurso de Hilda Hilst é por vezes (hostil) provocativo ao representar o idoso em sua obra, pois a sexualidade do senescente por vezes incita riso no leitor, e por vezes traz embaraçamento, produzindo um gênero de efeitos variados, voltando o olhar do espectador para um retrato vivido da velhice em suas dimensões de ressignificação pessoal e social.

### **Considerações Finais**

As configurações específicas corpo-tempo-envelhecimento são utilizados na interação da personagem Senhora D com os processos de influências sociais, ou seja, como essa velha senhora estabelece comunicação com o outro. Hilda

quer mostrar, em sua obra, um lugar de fala de alguém que se isolou do mundo e passou a morar no vão da escada, a Senhora D (derrelição, abandono) aparece como uma velha gasta, inativa, aquela que perdeu o status de objeto do desejo – a virilidade e desejo masculino são satisfeitos com as mais novas.

A linguagem de Hilst mostra certo ornamento, tornando o texto por vezes hermético. Há aí, porém um contraponto, pois a predominância da imagem e da metáfora dá ao texto precisão e clareza. Outro aspecto textual é a reflexão sobre o processo do envelhecer, do lugar do idoso na sociedade, a reflexão se faz necessária ao leitor que é hipnotizado por uma quebra na linearidade dos fatos ficcionais.

A sexualidade na escrita Hilst aparece para falar do corpo do idoso, sexo, animais e escárnio. Os diálogos de Hillé com o marido morto Ehud funcionam como chave para entender o processo de envelhecer: o corpo e a carne como resposta ao eterno conflito do homem com a certeza da existência (tempo).

Os questionamentos da Senhora D em relação à vida e à morte acontecem em um texto híbrido entre obsceno – e pornográfico. Assim o discurso se configura no próprio corpo da personagem Hillé, “Sessenta anos. Ela Hillé, revisita, repasseia suas perguntas, seu corpo.” (HILST, 2005, p.43), pois gruta e escada são movimentos opostos em que a personagem tenta inserir seus desejos mais pulsantes sobre a existência, seus provocativos gestos, são delineados de tal forma que se reflita sobre a solidão e a extrema delicadeza de uma existência simbólica na velhice.

Hilst leva a uma compreensão do mundo representável que inclui o sujeito. É preciso entender as manifestações do corpo, em que também se inscreve a história desse ser que envelhece. Pois a velhice não é apenas uma condição aparente ou limitação física, ela é na verdade um conjunto de fatores.

Nesse sentido, este estudo aponta a necessidade de serem incentivadas e verdadeiramente desenvolvidas produções acadêmicas que versem sobre a questão do corpo, o tempo e a sexualidade da pessoa idosa na literatura brasileira, contribuindo dessa forma para as atuais investigações de caráter gerontogerítricas.

### Referências:

AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. **Holocausto das fadas (a trilogia obscena e o Carmelo bufólico de Hilda Hilst)**. São Paulo: Edufes, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

CÔRTE, Beltrina et al. **Envelhecimento e velhice: um guia para a vida**. São Paulo: Vetor, 2006. v.2.

HILST, Hilda. **A obscena senhora D**. São Paulo: Globo, 2001.

\_\_\_\_\_ **A obscena senhora D**. São Paulo: Globo, 2005.



- JODLET, Denise. **Loucuras e Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- JORDÃO, Rose; OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Linguagens, estruturas e arte**. São Paulo: Moderna, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- PY, Ligia et al. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões**. São Paulo: Nau, 2004.
- SCHOPENHAUER, Artur. **Metafísica do belo**. São Paulo: Unesp, 2003.

### **Referências consultadas.**

- ALEXADRIAN. **História da literatura erótica**. Lisboa: Livros do Brasil, 1991.
- ANDRADE, Maria Margarida. **Como preparar trabalhos para cursos de Pós- Graduação**. São Paulo: Atlas, 2004.
- BELLO, Angela A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- BREMER, Jan. **De Safo a Sade: momentos históricos da sexualidade**. Campinas: Papi-rus, 1995.
- CANDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é o erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ECO, Umberto. **A obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FALEIROS, Vicente de Paula; LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz**. Brasília: Universa, 2006.
- FONSECA, Orlando. **O fenômeno da produção poética**. Santa Maria: Ufsm, 2001.
- FREITAS, Elizabete Viana de et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- GASKELL, George; BAUER, Martin W. (Coord.) **Pesquisa qualitativa com o texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- HILST, Hilda. **Contos d'escarnio/textos grotescos**. São Paulo: Globo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Estar sendo. Ter sido**. Rio de Janeiro: Nankin, 1997. 127 p.
- JOSGRILBERG, Fabio B. A fenomenologia de Maurice Merleu-Ponty e a pesquisa em comunicação. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, 2006. Disponível: <<http://ojs.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/article/view/3137/2947>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento e qualidade de vida na mulher. In: CONGRESSO PAULISTA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, 2., 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001. Disponível em: <www.portaldoenvelhecimento.net Page 1>. Acesso em: 30 mar. 2009.

NORBERT. Elias. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PONTY, Maurice M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RAMOS, Silvana de S. A. **Integridade do corpo e o calor das palavras: Montaigne e a filosofia erótica dos ensaios**. Disponível em: <www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp8/ramos.pdf>. Acesso em: 26 maio 2009.

SCHOPENHAUER, Artur. **Metafísica do belo**. São Paulo: Unesp, 2003.

SUN, Adam et al. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1999.

ZUBEN, Aquiles Von. **Fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.

---

**Abstract:** This is a qualitative study developed a dynamic and favored by a bias literature, which aimed to investigate and reflect upon the issue of sexuality of the elderly through the body, time and aging, from fragments of the work: The Lady D obscene eminent writer Hilda Hilst. Reading hilstiana check the speech writer who presents a critical look at old age in which the sexuality of older people is the key point to talk about the issues related to the female body, to show a stigmatized and prejudiced view that society has over the person breakdown.

**Keywords:** Sexuality. Body. Time. Envelhecimento. Literatura.

---

**\*1 - Francisco Norberto Moreira da Silva**  
**Currículo:** [lattes.cnpq.br/0263284701285165](http://lattes.cnpq.br/0263284701285165)

**\*2 - Vicente de Paula Faleiros**  
**Currículo:** [lattes.cnpq.br/8545024005267095](http://lattes.cnpq.br/8545024005267095)